



SOCIOLOGIA REGIONAL NA AMÉRICA LATINA: AS CONTRIBUIÇÕES DE FLORESTAN FERNANDES E ANÍBAL QUIJANO

Samara Mariani. Licenciatura em Ciências Sociais. Universidade Regional de Blumenau.

Luciana Butzke. Doutora em Sociologia Política. Universidade Regional de Blumenau

Resumo

Este artigo tem por tema a relação entre sociologia e teoria do desenvolvimento na América Latina. A questão norteadora é: que contribuições os sociólogos Florestan Fernandes e Aníbal Quijano trazem à teoria do desenvolvimento da América Latina? Dentre as questões auxiliares, destacam-se: (a) quem são e quais as principais obras de Florestan Fernandes e Aníbal Quijano? (b) que autores regionais (latino-americanos) inspiram seus principais escritos? (c) como a sociologia regional se expressa nesses escritos? O objetivo principal deste artigo foi o de mapear as contribuições da sociologia regional latino-americana à teoria do desenvolvimento, com ênfase na contribuição dos 'sociólogos Florestan Fernandes (Brasil) e Aníbal Quijano (Peru). Para tanto, perseguir-se-ão os seguintes objetivos específicos: (a) contextualizar vida e obra de Florestan Fernandes e Aníbal Quijano; (b) identificar os/as autores/as regionais citados por Florestan Fernandes e Aníbal Quijano; (c) verificar como a sociologia regional se expressa em seus escritos. Quanto ao método, a pesquisa foi delineada pelo método analítico e pesquisa bibliográfica. Foram consultadas biografias e suas respectivas Antologias publicadas pelo Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) em 2014 e 2015. A contribuição de Florestan Fernandes e Aníbal Quijano para a sociologia regional se refere a aplicação de teorias considerando diferentes contextos e momentos históricos, a indissociabilidade entre teoria e prática e a adoção de teorias e práticas voltadas à mudança social.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional. Sociologia Regional. América Latina. Florestan Fernandes. Aníbal Quijano.



Introdução

A sociologia latino-americana contou, ao longo de sua história, com vários autores que defenderam a constituição de uma sociologia latino-americana e de sociologias regionais (Gino Germani, Guerreiro Ramos, Orlando Fals Borda, dentre outros). O caráter dependente da sociologia era designado pelos termos *sociólogo indígena* (Guerreiro Ramos) e *colono intelectual* (Orlando Fals Borda) (BUTZKE; THEIS; MANTOVANELIJR., 2017).

A associação entre sociologia e a região, tema deste artigo, busca uma alternativa à adoção acrítica de modelos teórico-metodológicos que vem de outras regiões/territórios e de outros grupos de referência. Essa associação chama atenção para a necessidade de uma prática sociológica ancorada nos problemas específicos da América Latina. Com a sociologia regional é possível contestar o “para que” do conhecimento em seu entorno específico (BUTZKE; MANTOVANELI JR.; THEIS, 2016).

Neste esforço, se insere o objetivo deste artigo: mapear as contribuições da sociologia regional latino-americana à teoria do desenvolvimento, com ênfase na contribuição dos sociólogos Florestan Fernandes (Brasil) e Aníbal Quijano (Peru). Dentre os objetivos específicos, destacam-se: (a) contextualizar vida e obra de Florestan Fernandes e Aníbal Quijano; (b) identificar os/as autores/as regionais citados por Florestan Fernandes e Aníbal Quijano em suas obras principais; (c) verificar como a sociologia regional se expressa em textos selecionados.

Quanto ao método, a pesquisa foi delineada pelo método analético e pesquisa bibliográfica. O método analético rompe com a noção de totalidade, tão presente no desenvolvimento científico e busca a afirmação do Outro negado como ponto fundamental da *práxis* (DUSSEL, 1976). Aplicado ao objetivo deste artigo, o método analético busca romper com referências conhecidas na sociologia e as teorias universalizantes. O Outro, na sociologia, representa as referências marginais, pouco conhecidas e pouco estudadas nas universidades. Na pesquisa bibliográfica foram consultadas biografias e antologias de Florestan Fernandes e Aníbal Quijano, publicadas pelo Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) em 2014 e 2015.

O artigo está dividido em seis partes, incluindo esta introdução. A segunda parte descreve a metodologia, indicando a seleção dos textos dos autores. A terceira parte trata da relação vida e obra dos autores. Na quarta parte são apresentados os autores citados nos trabalhos de ambos, identificando quais autores/as regionais ou não são utilizados/as como referências nos seus trabalhos. Na quinta parte apresenta-se a análise comparativa de seis textos



selecionados, três de cada autor. E a sexta parte traz as considerações finais.

Metodologia

A pesquisa bibliográfica se dividiu em duas partes: uma primeira parte sobre vida e obrados autores e uma segunda parte centrada em suas antologias, publicadas pelo CLACSO. Na seleção dos/das autores/autoras citados/as, regionais ou não, foram indicados/as aqueles/as citados/as no texto, sendo suprimidos/as aqueles/as citados/as em notas de rodapé.

Das duas antologias utilizadas nesta pesquisa, foram selecionados seis textos. Três correspondentes à antologia de Florestan Fernandes: *Dominación y Desigualdad - el dilema social latinoamericano*, que são: *El modelo autocrático-burgués de transformación capitalista* (1973), *Patrones de dominación externa en América Latina* (1970) e *Reflexiones sobre las revoluciones interrumpidas* (1981). Os textos de Florestan Fernandes foram consultados nos próprios livros do autor, por terem sido publicados originalmente em português.

Da antologia de Aníbal Quijano também foram escolhidos três textos: *Cuestiones y Horizontes*, os textos escolhidos foram: *Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina* (2000), *Los usos de la democracia burguesa* (1980) e *El nuevo terreno de la lucha de clases y los problemas de la revolución en América Latina* (1974) (Quadro 1).

Quadro 1 – Textos selecionados de Florestan Fernandes e Aníbal Quijano

Florestan Fernandes	Aníbal Quijano
1A: Patrones de dominación externa en América Latina (1970).	2A: Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina (2000).
1B: El modelo autocrático-burgués de transformación capitalista (1973)	2B: Los usos de la democracia burguesa (1980)
1C: Reflexiones sobre las revoluciones interrumpidas (1981)	2C: El nuevo terreno de la lucha de clases y los problemas de la revolución en América Latina (1974)

Fonte: elaboração própria baseada em Fernandes (2015) e Quijano (2014).

A seleção dos textos se deu mediante a escolha de três temas principais: padrões de dominação, o papel da burguesia e revolução. Dos vários textos selecionados para as antologias se fez necessário eleger temas que pudessem oferecer algum grau de comparação entre eles. Para indicar a comparação, identificamos os autores e textos com números e letras. Florestan Fernandes como 1 e Aníbal Quijano como 2. Os textos comparados são indicados pelas letras A, B e C.



Vida e Obra

Aníbal Quijano

Aníbal Quijano Obregón nasceu em 1928 na província de Yungay, no distrito de Yanama, localizada no Peru. Frequentou o *Colegio Nacional Santa Inés de Yungay* e, em 1948 a *Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM)*. Se tornou mestre na *Escuela Latinoamericana de Sociología de la FLACSO*, em 1961 e doutor na UNMSM, em 1964. Em 1975 se tornou professor titular *Facultad de Ciencias Sociales de la UNMSM*. Durante sua carreira, percorreu como pesquisador e visitante: *Maison des Sciences de l'Homme*, em Paris, França; Universidade de São Paulo, Brasil; Universidade de Porto Rico; Universidade Hannover e Universidade Livre de Berlim, Alemanha; Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM); *Universidad de Chile* e Escola Latino-Americana de Economia (ESCOLATINA), Chile; Universidade Central do Equador; Universidade George Washington, Washington, D. C. e outras universidades nos Estados Unidos e na Europa (COMPARTE LIBROS, 2011).

No começo de sua vida acadêmica, a primeira das três longas ditaduras no Peru iniciara. O regime de Manuel Odría durou 8 anos e, assim como em outros regimes, Quijano se opusera de forma rígida, ele e sua família sofreram diversas perseguições. Em 1948, devido à sua participação nas políticas estudantis ficou um mês em cárcere. Em 1950, seguiu sua carreira em História, porém novamente foi posto em cárcere por cerca de um ano. Em 1952 parou de dar aulas devido à ditadura. Estudou os debates socialistas e as obras de Karl Marx, e ainda se dedicou a estudar Trotsky por um período. Nos anos seguintes trabalhou em arquivos históricos, principalmente os que falavam sobre o período da escravidão no Peru e atuou como professor de Ensino Médio. Em 1957 publicou *Antología del cuento latinoamericano*, nela haviam obras de autores pouco conhecidos na época como Augusto Roa Bastos e Julio Cortázar. Na década seguinte deu início a docência universitária na UNMSM e na *Universidad Nacional Agraria La Molina*. Suas produções nessa época tinham temas variados, mas todos tinham influência de correntes de pensamento da América Latina e do mundo. Em 1962 produziu uma pequena homenagem ao sociólogo C. Wright Mills, que havia falecido recentemente. (C. Wright Mills, *conciencia crítica de una sociedad de masas*). De 1964 a 1967 escreveu cerca de treze textos com abordagens diversas, dentre elas: reflexões sobre teoria sociológica, a identidade chola no Peru, história e contexto contemporâneo na política peruana, movimento campônio na América Latina e a urbanização e o processo de marginalização na América Latina. Aníbal Quijano tem uma



variedade temática muito forte em suas produções, estrutura um pensamento compreensivo que requer perspectivas diferenciadas, porém que em sua totalidade, estão conectadas ao perfil latino-americano contemporâneo (CLÍMACO, 2014).

Florestan Fernandes

Florestan Fernandes era filho de uma imigrante portuguesa, Maria Fernandes trabalhava como empregada doméstica na casa de cafeicultores paulistas. Os patrões de Maria apadrinharam Florestan, que cresceu conhecendo os padrões urbanos. Florestan foi uma “cria da casa”, como crianças negras da época, filhas de ex-escravos que trabalhavam nas casas dos burgueses e fazendeiros (por isso Florestan fala com uma propriedade sentimental sobre a realidade da população negra, visto que passou por algo semelhante). Pouco tempo depois Florestan e sua mãe se mudaram para a cidade e, com 6 anos, começou a realizar pequenos trabalhos em barbearias e comércios. Morando em habitações alugadas e precárias, viveu ainda mais com a realidade negra periférica. Florestan ganhava muitos livros de seus clientes, pois demonstrava interesse em aprender sobre o mundo (FERNANDES, 2015).

Aos 17 anos retomou sua educação e, três anos mais tarde, disputou vaga na universidade. Em 1941 foi aprovado no curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. A faculdade tinha sido criada em 1934 e, por ser recente, os professores eram trazidos da França e davam aulas em francês apenas. O conhecimento eurocêntrico somado com o idioma eram uma problemática para os alunos: “os professores jogavam sobre nós o seu saber europeu, sem se preocuparem se estávamos ou não entendendo. Nós, entre deslumbrados e atarantados, íamos devorando aos pedaços” (CANDIDO, 1978, p. 8).

Florestan se tornou um defensor do ensino público e laico, na década de 1950, lutou em diversas frentes e, quando deputado federal, defendia que o ensino público deveria incentivar a revolução cultural dentro da escola. Atualmente, muitas escolas públicas (principalmente as de periferia), levam o nome do sociólogo. Para a elite, o sociólogo é uma prova que temos uma sociedade construída sob o mérito, pois, segundo Celso Russomano “a pobreza não lhe serviu de pretexto para não estudar, para desmerecer a educação formal” (argumento apresentado pelo deputado federal, do PSDB para justificar o Projeto de Lei de 2005 que declara Florestan Fernandes o patrono da sociologia brasileira). Para os movimentos sociais e dos trabalhadores, ele é visto como alguém que superou adversidades e foi reconhecido e respeitado pelas elites, sem se corromper. Ainda aluno, demonstrou habilidade para



pesquisas de campo e reconstrução histórica. Trabalhou com Fernando de Azevedo e, ao mesmo tempo, cursava matérias de pós-graduação na Escola de Sociologia e Política. Concluiu seu mestrado com a tese *A organização social da tupinambá*, em 1947; seu doutorado, em 1951, com *A função social da guerra na sociedade tupinambá* e, em 1953, a livre docência com *Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na sociologia* (FERNANDES, 2015).

Substituiu Roger Bastide (com quem havia trabalhado em investigações sobre as relações raciais no Brasil) na posição de professor, em 1952. Sua produção acadêmica ganhou notoriedade na época (FERNANDES, 2015).

[...] ao antigo símbolo made in France, eu pretendia refutar com feito no Brasil. Não estava buscando uma estreita “sociologia brasileira”, mas pretendia implementar e formar padrões de trabalho que nos permitiriam alcançar nosso modo de pensar sociologicamente e nossa contribuição com a sociologia [...] (FERNANDES, 1977, p. 178).

De 1955 a 1969 liderou um grupo de sociólogos, a Escola Paulista de Sociologia, tinham nomes como Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Luiz Pereira, Gabriel Cohn e José de Souza Martins. “A integração do negro na sociedade de classes” foi sua última tese acadêmica, defendida em 1964. No auge de sua carreira, a ditadura militar é instaurada no Brasil. Florestan lutou contra a ditadura Vargas e foi militante de um pequeno partido trotskista e, naquele momento, defendeu firmemente a democracia. Usou seu importante posto de professor para promover o discurso a favor da autonomia universitária e intelectual. Em 1965 afastou-se da universidade e foi para os Estados Unidos lecionar na Universidade de Columbia, voltou logo em 1966 e lutou contra a ditadura ativamente. Se aposentou pela ditadura em 1969, junto com Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso (FERNANDES, 2015).

...ele e outros que formou adquiriram uma liderança que incomodou os poderes do mundo e levou à sua aposentadoria arbitrária, no momento reacionário e brutal das exclusões. Como ele estava fundido na Instituição, a ferida foi profunda em ambos. (CANDIDO, 1978, p. 12).

Escolheu o exílio e, no mesmo ano, foi para o Canadá, sozinho, dar aulas na Universidade de Toronto. Florestan era casado e teve seis filhos. No Canadá, publicou o texto “Sociólogos, os novos mandarins? ”, onde afirma “eu sou, ao mesmo tempo, sociólogo esocialista”. “A geração perdida” foi escrita quando voltou ao Brasil, em 1972. Até 1977, viveu isolado da



família em São Paulo, como ele se referia, na sua “jaula de ouro”. A partir daí escreveu a terceira parte de A revolução burguesa no Brasil (1975), Circuito Fechado (1976), Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana (1979), Poder e contrapoder na América Latina (1981), O que é a revolução? (1981), entre outros. De 1980 a diante, Florestan começou a dar alguns cursos de pós-graduação e a escrever em uma coluna semanal na imprensa (seu meio mais forte de combater a ditadura). Essa coluna levou a sua candidatura para deputado federal da Assembleia Nacional Constituinte de 1986, pelo Partido dos Trabalhadores. Em 1989, contribuiu com a Comissão de Educação da Assembleia Nacional Constituinte, com a obra O Desafio educacional. Florestan Fernandes teve sua vida marcada por altos e baixos, lutas e desesperanças. Não lhe faltou coragem e determinação para enfrentar o que sua vida lhe proporcionou. Faleceu em 1995, devido a complicações na saúde que levaram a um implante de fígado mal sucedido (FERNANDES, 2015).

Autores/as citados/as por Florestan Fernandes e Aníbal Quijano

Os autores regionais citados por Florestan Fernandes são: Orlando Fals Borda e Adolfo Gilly. Dentre os autores não regionais: György Lukács, John A. List, Karl Marx, Max Weber, Rosa Luxemburgo e Gramsci. Interessante observar que são poucas as citações regionais, mas de toda forma, há uma preocupação em trazer os/as autores/as regionais para a reflexão da realidade latino-americana. Fernandes (2015) aplica os/as autores/as não regionais para a reflexão sobre o espaço de forma crítica, considerando as diferenças geográficas, históricas, econômicas, culturais e políticas da América Latina.

Em Aníbal Quijano aparece Melciades Peña como citação regional e como citação não regional: Lenin, Mao Tze Tung, Fernando Claudin, Karl Marx. Quijano (2014) cita nos três textos apenas um autor regional. No caso dos autores não regionais há uma preocupação parecida com a de Fernandes (2015): trazer os autores para pensar a realidade latino-americana.

Dessa forma podemos afirmar que Fernandes (2015) e Quijano (2014) nos textos analisados citam poucos/as autores/as regionais e citam autores/as não regionais filiados/as ao marxismo. Os/as autores/as não regionais são trazidos criticamente, para pensar a realidade latino-americana e suas particularidades geográficas, históricas, econômicas, culturais e políticas.



Análise comparativa

Patrones de dominación externa en América Latina (1A) + Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina (2A)

Nos textos 1A e 2A, ambos os autores, Florestan Fernandes e Aníbal Quijano traçam um cenário da sociedade colonial na América Latina. Como é sabido, a estrutura de poder era composta por colonizadores e colonizados, sendo que os primeiros tinham como objetivo transmitir para o status de poder a linhagem europeia (FERNANDES, 1970).

Aníbal Quijano dá ênfase a questão racial que surgira no período colonial da América Latina. A ideia de raça não existia antes desse período, ela foi criada para diferenciar os conquistadores dos conquistados.

[...] la expansión del colonialismo europeo sobre el resto del mundo llevó a la elaboración de la perspectiva eurocéntrica de conocimiento y con ella a la elaboración teórica de la idea de raza como naturalización de esas relaciones coloniales de dominación entre europeos y no-europeos. (QUIJANO, 2000, p. 779).

Os nativos, mestiços e africanos eram mantidos como estratos dependentes dos estamentos, facilitando para as Coroas e os colonizadores a exploração e controle desses grupos (FERNANDES, 1970). O novo cenário de colonização na América Latina passou a associar trabalho e raça, não levou muito tempo para que esses dois termos construíssem funções de grupo, a partir desse período de colonização ficou muito claro quem detinha o poder e quem se tornava dependente deste. “[...] *el control de una forma específica de trabajo podía ser al mismo tiempo el control de un grupo específico de gente dominada.*” (QUIJANO, 2000, p.782).

Florestan Fernandes aponta três fases de colonização na América Latina, a primeira fase, quando Espanha e Portugal detinham a economia e produção nas colônias latino-americanas; a segunda fase (neocolonialismo), quando outros países europeus influenciaram indiretamente na economia; e a terceira fase, denominada de imperialismo, foi após a revolução industrial, com a reorganização da economia no mundo, surgiram novas formas de dominação externa nos países periféricos e assim a economia latino-americana se tornou dependente.



As influências externas atingiram todas as esferas da economia, da sociedade e da cultura, não apenas através de mecanismos indiretos do mercado mundial, mas também através de incorporação maciça e direta de algumas fases dos processos básicos de crescimento econômico e de desenvolvimento sociocultural. (FERNANDES, 1970, p. 16).

No texto 2A, Quijano explica que uma das principais estratégias dos países europeus para manter o controle sobre os países colonizados, foi a monopolização da produção de conhecimento e a submeter o aprendizado da cultura europeia nesses países (QUIJANO, 2000). Controlar expressões culturais e subjetivas foi a forma de estabelecer a hegemonia europeia sobre o mundo, principalmente nos países dependentes, “[...] *generaron una nueva perspectiva temporal de la historia [...]*” (QUIJANO, 2000, p. 788). A generalização dos povos, classificados entre índios e negros, reduziu a pluralidadecultural dos países africanos e dos povos indígenas a um só conceito: não europeia, o queos tornava, automaticamente, povos primitivos segundo o padrão de conhecimento europeu. Quijano compara a perspectiva eurocêntrica da história latino-americana com um espelho que distorce o que reflete, e que continuamos a aceitar a imagem da Américaque nos mostram: “*De esa manera, seguimos siendo lo que no somos. Y como resultado no podemos nunca identificar nuestros verdaderos problemas, mucho menos resolverlos, a no ser de una manera parcial y distorsionada.*” (QUIJANO, 2000, p. 807).

Uma das particularidades do desenvolvimento do capital na América Latina foi a importância de diferentes formas de trabalho e exploração neste processo, como Quijano(2000), aponta, reciprocidade, escravidão, servidão e produção mercantil independente não foram processos antagônicos ao capital, e sim processos sociais e econômicos que foram de extrema relevância para a consolidação do capital no mundo. A América foi personagem fundamental para o desenvolvimento da Europa Ocidental e seu poder de controle mundial.

O padrão imperialista que surgiu foi danoso para o desenvolvimento da América Latina, pois os países dependentes não tinham condições de uma industrialização autossustentada, o que os fez buscar um padrão europeu de organização capitalista em seus países (FERNANDES, 1973). As classes dominantes acreditaram que seria possívelreproduzir o desenvolvimento na América Latina tal qual aconteceu nos países europeus, entretanto, Florestan alerta que, se o desenvolvimento gradual e seguro se tornar um objetivo da burguesia, este objetivo precisará de um nacionalismo sólido e um aprimoramento de um novo capitalismo de Estado. Por outro lado, há a possibilidade de uma revolução popular



socialista (FERNANDES, 1973). “A estrutura da Sociedade e suas permanentes condições de anomia contêm os ingredientes básicos da desintegração[...]” (FLORESTAN, 1973, p. 32).

El modelo autocrático-burgués de transformación capitalista (1B) + Los usos de la democracia burguesa (2B)

Florestan Fernandes continua com seu olhar para a transformação capitalista na América Latina no texto 1B, desta vez para discutir sua relação com a dominação burguesa nos países dependentes e subdesenvolvidos. Similarmente no texto 2B, Aníbal Quijano analisa o caminho que a democracia burguesa vem traçando nos períodos históricos e aonde isto nos leva.

As duas discussões começam com uma questão de suma importância, que é a revolução burguesa nos países europeus como modelo de transformação capitalista:

[...] nada es más claramente establecido en la historia contemporánea que el hecho de que solamente aquellas formaciones sociales en donde se produjo una revolución industrial desde dentro [...] han podido desarrollar todo lo que podía esperarse históricamente de un régimen político ya limitado por su naturaleza de clase [...] (QUIJANO, 1980, p. 546).

Segundo Florestan Fernandes (1973, p. 338) “Até recentemente, só se aceitavam interpretativamente como Revolução Burguesa manifestações que se aproximassem tipicamente dos ‘casos clássicos’ [...]”. O questionamento levantado pelos dois autores é justamente esta necessidade de reproduzir fenômenos históricos em um cenário que não lhes cabem, principalmente com a ideia errônea criada para esses países que a dependência e o subdesenvolvimento seriam estágios passageiros, que a história que ocorreu nos países centrais se repetiria num desencadeamento automático de desenvolvimento (FERNANDES, 1973).

O capitalismo dependente se torna viável por meios políticos, Quijano pontua que a democracia nos países subdesenvolvidos, sob uma manta burguesa, é um “jogo de impossibilidades” que somente leva à derrota das classes dominadas pela burguesia. A democracia burguesa é cada vez menos razoável aos trabalhadores e trabalhadoras, a classe dominante arrasta a massa para suas ideologias e as colocam em instituições políticas da própria burguesia (QUIJANO, 1980).

Florestan explica que não é de interesse da burguesia externa interromper o fluxo político nos



países latino-americanos, se assim o fizessem estariam trabalhando contra seus interesses, que é manter tais países dependentes e subdesenvolvidos, pois ao interferir no esquema político, poderiam estimular um espírito nacionalista, ou até mesmo uma revolução de cunho socialista. Ao finalizar, Florestan esclarece que “Quanto mais se aprofunda a transformação capitalista, mais as nações capitalistas centrais e hegemônicas necessitam de ‘parceiros sólidos’ na periferia dependente e subdesenvolvida [...]” (FERNANDES, 1973, p. 342).

Portanto, a transformação capitalista na América Latina é sobretudo um fenômeno político, não há uma burguesia revolucionária e sim, uma classe com o objetivo de manter a ordem e a dominação burguesa. Esse fenômeno ocorre porque, diferente dos países centrais, a burguesia dependente se institucionaliza a fim de sobrevivência, o idealismo burguês é deixado de lado pois este não é um comportamento comum dos países hegemônicos.

Aníbal Quijano afirma a importância da luta contra a estrutura autocrática burguesa, a organização das massas, a democratização das relações dos setores explorados e a luta pelo espaço político dos trabalhadores para alcançar uma democracia direta dos trabalhadores direcionado pelo proletário revolucionário e por fim: “*Global y sectorialmente, es la política económica de la burguesía y de su Estado, la que tiene que ser cuestionada y no solamente sus efectos.*” (QUIJANO, 1980, p. 568).

Reflexiones sobre las revoluciones interrumpidas (1C) + El nuevo terreno de la lucha de clases y los problemas de la revolución en América Latina (2C)

A principal questão abordada no texto 1C é aonde levaria uma transformação capitalista nos países que contêm resquícios coloniais e onde a burguesia se tornou a classe dominante por meio do desenvolvimento (FERNANDES, 1981). Florestan traz como comparação a independência dos Estados Unidos, um país de origem colonial e que, ao cortar os laços com sua metrópole, não tentou construir uma sociedade europeia dentro da América e o seu desenvolvimento foi autêntico, diferente do resto dos países nas Américas.

Aníbal Quijano, no texto 2C, levanta o problema das teorias marxistas em relação à América Latina e a necessidade de uma teoria revolucionária que sustente verdadeiramente a realidade latino-americana e suas classes. Segundo Quijano existem organizações com uma capacidade de violência revolucionária grande, porém não têm capacidade de comunicação com as massas (QUIJANO, 1974).

A América Latina tem o início de transformação capitalista heterogêneo, cada país teve seu



processo histórico diferenciada, com classes sociais dispersas e burguesias dependentes que acabaram por se aliar a burguesia imperialista. Ainda por cima, a maiorias dos movimentos que se declaravam socialistas procuravam alianças com a burguesia (que agora tinha interesses em comum com a burguesia imperialista), o que passa a impressão de que “tudo parece ‘igual’ ou ‘cinzento’ na América Latina e a mudança social progressiva – mesmo a que surge de situações revolucionárias – parece um ‘fator reforço’ do *status quo*.” (FERNANDES, 1981, p. 74).

Este cenário de transformação se torna útil para a classe dominante, pois é interesse da burguesia manter algumas relações oligárquicas de poder político, afinal, a persistência de relações de produção pré-capitalistas não impede o processo de expansão capitalista, mas impede que a massa se organize e tome consciência como classe dominada.

Florestan é, comparado a Aníbal Quijano, mais pessimista em relação a uma revolução das classes dominadas. Enquanto Florestan Fernandes trabalha aonde levarão os movimentos da burguesia latino-americana com seus resíduos coloniais, Quijano pensa a situação procurando a brecha para uma revolução operária:

De lo que se trata aquí es de una combinación y de una superposición entre las necesidades de una revolución democrático-nacionalista y de una revolución socialista, de la liberación nacional y de la liberación de clase. Pero es la iniciación de la última que se coloca como condición de la otra [...] (QUIJANO, 1974, p. 514).

O grande problema de uma revolução na América Latina é a sustentação teórica para tal. Para Quijano, a teoria revolucionária não alcança os trabalhadores, ou seja, as teorias desenvolvidas nos centros do capitalismo desenvolvido não cabem a uma realidade latino-americana. A começar pela própria consciência de classe, há vários níveis possíveis de consciência num mesmo horizonte histórico: proletário dos centros do capitalismo desenvolvido e proletário latino-americano, por exemplo. A consciência de classe se desenvolve e se modifica dentro das relações e luta das classes, ela é uma consciência concreta e histórica (QUIJANO, 1974). Quijano questiona as teorias revolucionárias pois elas não apontam alternativas concretas ao proletariado latino-americano:

El problema, a partir de aquí, es tratar de ver con qué dificultades se enfrentan los trabajadores latinoamericanos, para lograr que esta situación objetiva se convierta también en la situación subjetiva de la clase, y eso pase, a su vez, a convertirse en una condición objetiva de la realidad. (QUIJANO, 1974, p 517).



Toda a abordagem que Quijano faz em cima da teoria dialoga com o início do texto 1C, quando Florestan critica os marxistas que usam da teoria para explicar a transformação capitalista na América Latina:

É fácil transferir ideias – mas não se pode transferir a transformação do real. Se uma classe atingiu ou não o seu desenvolvimento completo e asua forma pura; se existem ou não condições para que a burguesia (ou uma fração da burguesia) possa realizar isto ou aquilo. (FERNANDES, 1981, p. 73).

Ainda sobre a consciência das classes, Florestan aponta que o desenvolvimento do capital sem consciência, significa uma regressão para a classe trabalhadora e ainda assim, ele vê a necessidade de libertação das massas rurais, que vivem uma servidão mascarada, “porque não é o desenvolvimento capitalista, por si mesmo, que fomenta a ‘revolução’ democrática, a ‘revolução’ nacional e as outras reformas capitalistas.” (FERNANDES, 1981, p. 87). E esse é o problema da revolução interrompida, ela não permite a conexão das massas rurais com o proletário, o que é extremamente vantajoso para a burguesia, essa é a sua estratégia na luta de classes, o congelamento da descolonização. É isso que faz o desenvolvimento do capital na América Latina diferente dos Estados Unidos ou dos países europeus, não há como o próprio desenvolvimento atingir sua “forma pura” da mesma forma em qualquer realidade que seja, e essa forma claramente não é de interesse da burguesia latino-americana e principalmente da imperialista. (Fernandes, 1981)

Aníbal Quijano analisa a situação como um problema de organização de classe, já que não há organização conduzida pelo proletário em si, e sim pela classe média, que por sua vez funciona como uma ponte de conciliação de classes. A quebra com o colonialismo e a possível revolução seriam atingidas por dois principais passos: uma nova organização conduzida pelo proletário e sua base revolucionária partindo da investigação da realidade concreta (QUIJANO, 1974).

Considerações finais

O objetivo principal deste artigo foi o de mapear as contribuições da sociologia regional latino-americana à teoria do desenvolvimento, com ênfase na contribuição dos sociólogos Florestan Fernandes (Brasil) e Aníbal Quijano (Peru). Para tanto, contextualizou-se a vida e obra dos



autores: ambos sociólogos, professores universitários, engajados politicamente, foram exilados por se posicionarem contra a ditadura em seus países e tinham inspiração em Marx e nos marxismos. Suas obras estão intrinsecamente ligadas a vida, naquilo que poderíamos chamar de práxis. Eles tomaram a sociologia e a realidade social como as duas faces da mesma moeda, mostrando que “fazer” sociologia é estar comprometido com a mudança social.

A mudança social está presente na vida e obra dos autores analisados e nos/as autores/as citados/as. Eles citam autores/as regionais, mas principalmente autores/as não regionais vinculados a Marx e aos marxismos, que na teoria social tem forte vinculação com a perspectiva do conflito e da mudança social. Há uma preocupação com a aplicação das teorias aceitas na Sociologia, mas acompanhada de uma reflexão crítica considerando a realidade latino-americana. Esta preocupação se torna explícita na análise comparada dos textos selecionados neste estudo.

Em relação aos *padrões de dominação*, eles retratam o padrão colonial e de como este padrão vai se atualizando. Florestan Fernandes identifica três fases: colonialismo, neo colonialismo e imperialismo. Ambos criticam a imitação de padrões importados sem um olhar para a própria realidade. Aníbal Quijano enfatiza a base racial dos padrões de dominação, resgatando a história e mostrando como se naturaliza determinadas questões.

O tema do *papel da burguesia* traz a reflexão de ambos a construção histórica da dominação burguesa na América Latina. O nascimento da burguesia foge dos casos clássicos, mostrando que a revolução burguesa não foi uma *regra* e que a dependência e o subdesenvolvimento não eram estágios passageiros.

O tema das *revoluções* na América Latina envolve refletir sobre a mudança capitalista e a possibilidade da revolução considerando um contexto diferente daquele vivido pelos/as autores/as citados/as por Florestan Fernandes e Aníbal Quijano. Ambos criticam a transferência de teorias para explicar a evolução capitalista na América Latina e as possibilidades da revolução socialista/comunista. Está presente a dificuldade de unir trabalhadores rurais e urbanos, o perigo da conciliação de classes e a subordinação da burguesia latino-americana a burguesia internacional.

Um último ponto que os dois autores tratam é o conhecimento como forma de dominação. No caso da ciência no geral, e da sociologia em particular, voltamos ao tema do artigo: a sociologia regional. Aí temos dois extremos: um conhecimento que serve para dominar e a possibilidade de construir conhecimento para transformar. A contribuição de Florestan Fernandes e Aníbal Quijano para a sociologia regional caminha nesta direção: a



indissociabilidade entre teoria e prática, ambas (de origem regional ou não) voltadas para a compreensão, explicação e mudança da realidade latino-americana.

Referências

BUTZKE; Luciana; THEIS, Ivo M.; MANTOVANELI JR., Oklinger. O entre-lugar da sociologia regional na América Latina. Artigo completo apresentado no **XXXI Congresso Alas**, Uruguai, 2017.

BUTZKE, Luciana; MANTOVANELI JR., Oklinger; THEIS, Ivo Marcos. Afinal, desenvolvimento regional serve para quê? Reflexões a partir da sociologia da libertação de Fals Borda e da sociologia da exploração de Casanova. **Redes** (St. Cruz Sul, Online), v. 21, nº 3, p. 306-318, set./dez 2016.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: FERNANDES, Florestan. **A Condição do Sociólogo**. São Paulo: Hucitec, 1978. p. 8, 12.

CLÍMACO, Danilo Assis. Prólogo. In: QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: Clacso, 2014. p. 13-55. Disponível em:

<http://www.clacso.org.ar/antologias/detalle.php?id_libro=871>. Acesso em: 29 jun. 2017.

COMPARTE LIBROS. **Biografía de Aníbal Quijano**. On-line. Disponível em: <<http://www.compartelibros.com/autor/anibal-quijsano/1>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação**. São Paulo/Piracicaba: Loyola/UNIMEP, 1976.

FERNANDES, Florestan. O modelo autocrático-burguês de transformação capitalista. In: FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. Cap. 7. p. 337-348.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977. 160 p.

FERNANDES, Florestan. **Dominación y desigualdad: el dilema social latinoamericano**. Buenos Aires: Clacso, 2015. Disponível em:

<http://www.clacso.org.ar/antologias/detalle.php?id_libro=1044>. Acesso em: 26 maio 2017.

FERNANDES, Heloísa. Florestan Fernandes: un sociólogo socialista. In: FERNANDES, Florestan. **Dominación y desigualdad: el dilema social latinoamericano**. Buenos Aires: Clacso, 2015. p. 9-24. Disponível em: <http://www.clacso.org.ar/antologias/detalle.php?id_libro=1044>. Acesso em: 26 maio 2017.

FERNANDES, Florestan. Padrões de Dominação Externa na América Latina. In: FERNANDES, Florestan. **Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972. Cap. 1. p. 11-32.



FERNANDES, Florestan. Reflexões sobre as "Revoluções Interrompidas" (uma rotação de perspectivas). In: FERNANDES, Florestan. **Poder e Contrapoder na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. Cap. 3. p. 69-114.

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes**: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: Clacso, 2014. Disponível em: <http://www.clacso.org.ar/antologias/detalle.php?id_libro=871>. Acesso em: 29 jun.2017.